

# FUNCIONALISMO E MUDANÇA LINGUÍSTICA EM PERSPECTIVA CONSTRUCIONAL: A FORMAÇÃO DE MARCADORES DISCURSIVOS EM PORTUGUÊS

Mariangela Rios de OLIVEIRA<sup>1</sup>

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v19i3.3407>

**Resumo:** Fundamentados na *Linguística Funcional Centrada no Uso*, nos termos de Rosário e Oliveira (2016), Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013) e Martelotta (2011), investigamos neste artigo as mudanças pré e pós-construcionais envolvidas na convencionalização de marcadores discursivos do português, mais especificamente os formados por subparte verbal e subparte pronominal locativa, codificados como  $[VLoc]_{MD}$ . Tais mudanças são abordadas na perspectiva de *cline* contextual (DIEWALD; SMIRNOVA, 2012), que conduz à inserção dos referidos constituintes no paradigma dos MD, tomado este como uma hiperconstrução, nos termos de Diewald (2020). Em abordagem histórica, com base nos resultados obtidos por Teixeira (2015), Rosa (2019) e Sambrana (2021), demonstramos que a construcionalização  $[VLoc]_{MD}$  é detectada inicialmente na língua no século XVI, mas sua consolidação como esquema formador de MD se generaliza a partir do século XIX, via analogização (BYBEE, 2010) e pressões contextuais, envolvendo metaforização, metonimização e expansão de intersubjetividade (TANTUCCI, 2018).

**Palavras-chave:** Mudança linguística. Funcionalismo. Mudança construcional. Construcionalização. Marcadores discursivos. Contextos de mudança. Paradigmatização.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro, Brasil; Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil; [mariangelariosdeoliveira@gmail.com](mailto:mariangelariosdeoliveira@gmail.com); <http://orcid.org/0000-0002-1474-281X>

- | Funcionalismo e mudança linguística em perspectiva construcional: a formação de marcadores discursivos em português

## *FUNCTIONALISM AND LINGUISTIC CHANGE IN A CONSTRUCTIONAL PERSPECTIVE: THE FORMATION OF DISCOURSE MARKERS IN PORTUGUESE*

**Abstract:** According to *Usage-Based Linguistics*, in terms of Rosário and Oliveira (2016), Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013) and Martelotta (2011), we investigate in this article the pre and post-constructional changes involved in the conventionalization of discourse markers of Portuguese, more specifically those formed by verbal subpart and pronominal locative subpart, coded as [VLoc]<sub>MD</sub>. Such changes are addressed from the perspective of contextual cline (DIEWALD; SMIRNOVA, 2012), which leads to the insertion of these constituents in the MD paradigm, taken as a hyperconstruction, according to Diewald (2020). In a historical approach, based on the results obtained by Teixeira (2015), Rosa (2019) and Sambrana (2021), we demonstrated that the constructionalization [VLoc]<sub>MD</sub> is initially detected in the language in the sixteenth century, but its consolidation as a MD forming scheme is generalized from the nineteenth century, via analogization (BYBEE, 2010) and contextual pressures, involving metaphorization, metonymization and expansion of intersubjectivity (TANTUCCI, 2018).

**Keywords:** Linguistic change. Functionalism. Constructional change. Constructionalization. Discourse markers. Contexts of change. Paradigmatization.

### **Introdução**

Com base na Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), nos termos de Rosário e Oliveira (2016), Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013) e Martelotta (2011), nos dedicamos, neste artigo, ao tratamento da mudança linguística envolvida na formação de marcadores discursivos (MD) em abordagem construcional<sup>2</sup>. A LFCU, também nomeada de *Usage-Based Linguistics*, segundo Bybee (2010), inspirada em fontes como Traugott e Trousdale (2013) e Hilpert (2014), resulta do Funcionalismo de vertente norte-americana que incorpora a abordagem construcional da gramática, de base cognitivista, a partir de referências como Goldberg (1995, 2006) e Croft (2001).

Nosso objetivo neste artigo, a partir do aparato teórico mencionado, é apresentar e analisar, em perspectiva histórica, como a mudança gramatical que resulta na formação de MD na língua portuguesa é tomada como sucessão de mudanças pré-construcionais

---

<sup>2</sup> De acordo com Goldberg (1995, 2006), conceituamos a construção como pareamento convencionalizado de conteúdo e forma; neste artigo, como Rosa (2019), optamos pelo termo *conteúdo* para a tradução do original *meaning*.

que culminam na convencionalização de um novo pareamento de conteúdo e forma na gramática, ou seja, numa construcionalização gramatical, de acordo com Traugott e Trousdale (2013), e de como a referida convencionalização segue em etapa pós-construcionalização, com a ampliação do paradigma dos MD. Mais especificamente, investigamos MD complexos, formados por duas subpartes: uma de base verbal (V) e outra de base pronominal locativa (Loc), integrantes do esquema maior [VLoc]<sub>MD</sub> e instanciados como a seguir, em contextos levantados do *site* Corpus do Português<sup>3</sup>:

- (1) A Sr.<sup>a</sup> Vanessa Grazziotin: Então, veja V. S.<sup>a</sup>, Dr. Prado, eu gostaria muito que nós fizéssemos um bom debate com o senhor, porque o senhor já esteve na comissão. O senhor é professor do Direito, o senhor é de uma área penal, como relata aqui, uma área muito importante. Veja: dizem que a Presidenta cometeu um crime de responsabilidade porque feriu a meta fiscal prevista. Mas, *espera lá*. Meta fiscal é do exercício. (Soa a campanha.) Tem que se medir no final do ano. (*Diário do Senado Federal*, 25 ago., século XXI).
- (2) - Não se acuse, conselheiro. O senhor sabe que eu não creio nada contra a sua palavra, nem contra a sua pessoa; a própria contradição que lhe acho é agradável. - Também concordo. - Concorda com tudo. - *Olha aqui*, Flora; dá licença, conselheiro? Esqueceu-me dizer que esta conversa era à porta de uma loja de fazendas e modas, Rua do Ouvidor. (*Esau e Jacó*, Machado de Assis, século XIX).

Como podemos observar em (1) e (2), *espera lá* e *olha aqui*, respectivamente, atuam como membros da classe dos MD. De acordo com Heine, Kaltenböck e Kuteva (2019), os MD constituem um paradigma que partilha, em termos gerais, traços de invariabilidade formal, autonomia sintática, prosódia específica e função relacional discursiva. Esses quatro traços podem ser detectados em (1) e (2), nos quais as propriedades do contexto comunicativo, fortemente marcado por tom intersubjetivo e persuasivo, motivam tais instanciações.

Assumimos, como Diewald e Smirnova (2012), que usos como os destacados em (1) e (2) decorrem de fases de mudanças contextuais específicas, nas quais ambiguidades semânticas e sintáticas concorrem para que se consolide a construcionalização gramatical subsequente. Como etapa pós-construcionalização, defendemos que tais MD passam a integrar novo paradigma, tomado como hiperconstrução<sup>4</sup>, nos termos de Diewald (2020),

3 Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>

4 A *hiperconstrução* é uma proposta de Diewald (2020) para interpretar o paradigma em perspectiva construcional. Assim, segundo a autora, o paradigma passa a ser concebido como a representação de especificidades categóricas e não gradientes de significado gramatical.

- | Funcionalismo e mudança linguística em perspectiva construcional: a formação de marcadores discursivos em português

e, uma vez convencionalizados, podem, via expansão *host-class*<sup>5</sup> (HIMMELMANN, 2004), pelo mecanismo da analogização, ampliar o referido paradigma com a criação de novos membros.

Metodologicamente, em consonância com a LFCU, partimos da análise de dados de uso linguístico efetivo, levantados do Corpus do Português do século XV ao século XXI (no século XXI, também dados orais são considerados). No levantamento, foram captados contextos de uso em que o constituinte verbal e o constituinte pronominal locativo estivessem contíguos, a fim de observarmos e classificarmos, com base em Diewald e Smirnova (2012) e Rosa (2019), etapas crescentes de maior vinculação de conteúdo e forma entre esses constituintes. Procedemos a uma análise pautada no método misto, nos termos de Cunha Lacerda (2016), a partir da compatibilização do viés qualitativo, voltado para a investigação de propriedades contextuais pesquisadas, e considerando ainda aspectos de natureza quantitativa, com foco na produtividade de cada instância de uso (frequência *token*) e de cada padrão de uso (frequência *type*).

Para dar conta de nossos propósitos, este artigo se distribui em três seções maiores. Na primeira, apresentamos as bases teóricas da LFCU que fundamentam nossas análises, com destaque para o viés construcional assumido por essa vertente funcionalista. Na segunda, nos voltamos para a classe dos MD como paradigma, destacando seu hibridismo categorial, o lugar que ocupa no nível pragmático da língua e os traços categoriais definidores desse grupo. Na terceira seção, analisamos a formação de MD codificados como  $[VLoc]_{MD}$ , tal como instanciados em (1) e (2), partindo da comparabilidade e da releitura de resultados de três pesquisas de cunho histórico em torno desse objeto – as de Teixeira (2015), Rosa (2019) e Sambrana (2021); essas autoras, com base na LFCU, demonstram, na fase pré-construcionalização, como clines contextuais detectados na trajetória da língua motivam processos de metaforização e de metonimização que conduzem à construcionalização da  $[VLoc]_{MD}$  e, a partir daí, como a paradigmaticização e a expansão *host-class* se efetivam, em etapas pós-construcionalização, na ênfase da dimensão gradiente e escalar da mudança linguística assumida pela LFCU, conforme se encontra em Traugott (2021, 2022). Por fim, tecemos nossas considerações acerca dos resultados do conjunto das três pesquisas referidas e listamos o referencial bibliográfico utilizado.

---

5 Trata-se da *expansão de classe hospedeira* (nossa tradução do original), referente ao preenchimento de subpartes abertas de uma construção (*slots*) por novos constituintes, via analogização.

## Pressupostos teóricos da LFCU

A LFCU constitui uma linha investigativa mais recentemente assumida pelo Funcionalismo norte-americano. Na tradição da pesquisa funcionalista, notadamente a originada na Costa Oeste dos Estados Unidos, na linha de Bolinger, Givón, Hopper, Thompson, entre outros, o foco nos processos envolvidos na mudança linguística e seu resultado, a gramaticalização<sup>6</sup>, são uma tônica. Esses estudos, realizados via de regra com base em itens específicos, partem do pressuposto de que a iconicidade original da gramática vai dando lugar à arbitrariedade, com base em trajetórias unidirecionais do tipo: a) espaço > tempo > texto (TRAUGOTT; HEINE, 1991); b) corpo > objeto > processo > espaço > tempo > qualificação (HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991); c) ciclo funcional discurso > sintaxe > morfologia > morfofonologia > zero (GIVÓN, 1979).

Como demonstram Rosário e Oliveira (2016), a LFCU se apresenta hoje como uma vertente de pesquisa funcionalista que continua a ter como um de seus focos principais o estudo da mudança linguística. Busca-se, nas palavras de Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013, p. 15), “descrever e explicar os fatos linguísticos com base nas funções (semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas) que desempenham nos diversos contextos de uso da língua, integrando sincronia e diacronia”. Ainda conforme os mesmos autores, a LFCU destaca a emergência da gramática, sua maleabilidade, variabilidade e gradiência, repercutindo Bybee (2010).

Em consonância com a abordagem construcional assumida pela LFCU, tal como se encontra em Traugott e Trousdale (2013), Hilpert (2014) e Traugott (2021, 2022), a construção ganha lugar de destaque no estudo da mudança linguística. De acordo com Traugott e Trousdale (2013, p. 8), a construção é definida como pareamento simbólico de forma e conteúdo, codificada como [[Forma] <---> [Conteúdo]], em que a seta bidirecional especifica a relação biunívoca entre os dois eixos referidos, e os colchetes externos constituem um indicador de que tal pareamento é uma unidade convencionalizada. Com base nessa definição, considera-se que a língua é uma rede interconectada e hierarquizada de construções, conceituada como *constructicon*, e que todas as unidades linguísticas são construções (palavras, sintagmas, orações, períodos, entre outros). Como demonstram Rosário e Oliveira (2016, p. 237), a consideração da construção gramatical na pesquisa em LFCU veio equilibrar e valorizar “a correlação de aspectos funcionais e formais na origem e fixação das categorias linguísticas, traduzida como direcionalidade *função* < > *forma*<sup>7</sup>”.

6 Em sua versão clássica, a gramaticalização consiste num tipo de mudança linguística diacrônica pelo qual termos lexicais assumem *status* gramatical, ou, se já gramaticais, se tornam ainda mais gramaticais.

7 Como se trata de citação literal, mantivemos o termo *função*, utilizado pelos autores, no lugar de *conteúdo*, termo adotado neste artigo.

- | Funcionalismo e mudança linguística em perspectiva construcional: a formação de marcadores discursivos em português

Diante da inserção da perspectiva construcional em sua agenda de pesquisa, a LFCU procede a reajustes em seus fundamentos teóricos. Nesse sentido, de acordo com Traugott (2021, 2022), destaca-se na investigação da mudança linguística a *construcionalização*, considerada como uma nova associação simbólica de forma e conteúdo convencionalizada via replicação numa comunidade de usuários. Essa nova associação pode ser mais lexical, na formação de pareamentos de conteúdo mais referencial e menos subjetivo, ou mais procedural, na fixação de pares de conteúdo mais gramatical e intersubjetivo. No caso de nossos objetos de pesquisa – os MD – ocorre, portanto, construcionalização gramatical, no nível pragmático da língua.

Ainda conforme a mesma autora, a construcionalização se distingue de mudanças construcionais, tomadas estas como modulações motivadas por ambientes contextuais específicos que atingem somente o eixo da forma (propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas) ou o do conteúdo (propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais) sem derivar, assim, em construcionalização. Para Traugott (2021, 2022), mudanças construcionais do tipo gramatical ocorrem em fase pré e pós-construcionalização como micropassos, o que destaca e garante um dos fundamentos básicos do Funcionalismo: a concepção gradiente dos usos linguísticos e a gradualidade da mudança.

Esses micropassos constituem *neónalises*, tomadas como inéditas interpretações ao nível do conteúdo (metaforização) ou ao nível da forma (metonimização), e são motivadas por pressões de natureza contextual, como destacam Diewald e Smirnova (2012). Para as referidas autoras, orientadas segundo o pressuposto clássico funcionalista de que mudanças gramaticais de itens específicos ocorrem em contextos também específicos, os micropassos de mudança devem ser investigados segundo uma taxonomia contextual, que dê conta da gradualidade da gramática. Relacionando o *cline* contextual referido à LFCU, Rosa (2019) reelabora a proposta de Diewald e Smirnova (2012), conforme o quadro seguinte:

**Quadro 1.** Tipos de contextos em construcionalização gramatical

Estágio	Contexto	Características	Tipo de construção
I- Precondições da construcionalização gramatical	Atípico	Implicaturas conversacionais	Sem tipo particular de construção; composicional
II- Desencadeamento da construcionalização gramatical	Crítico	Opacidade múltipla	Elementos linguísticos extragramaticais
III- Reorganização e diferenciação	Isolado	Itens polissêmicos/heterossêmicos	Elementos linguísticos formal ou lexicalmente abertos
IV- Integração paradigmática	Paradigmatização	Oposições/distinções paradigmáticas com significados relacionais reduzidos, isto é, significados gramaticais	Escolhas paradigmáticas a partir de um esquema construcional abstrato

Fonte: Rosa (2019, p. 70)

Como podemos observar, o Estágio 1 – *contexto atípico* – corresponde a implicaturas que envolvem somente polissemia, com abstração inicial de conteúdo e manutenção da composicionalidade de subpartes em vias de construcionalização. O Estágio 2 – *contexto crítico* – é atinente a uma fase de opacidade múltipla, na qual ocorrem ambiguidades semântica e sintática, com diminuição de composicionalidade entre os constituintes envolvidos. Na etapa seguinte, Estágio 3 – *contexto isolado* – efetiva-se a construcionalização, com a criação de um novo pareamento de conteúdo e forma que se distingue no *constructicon* dos elementos que lhe deram origem. Por fim, no Estágio 4 – *paradigmatização* – a nova construção entra em paradigma da língua. Nessa inserção, como preconiza Diewald (2020), a construção passa a fazer parte de uma *hiperconstrução*, definida esta como uma categoria complexa e holística de membros (ou células) paradigmáticas interdependentes; esses membros partilham conteúdo comum da hiperconstrução e, por sua vez, como microconstruções, têm também conteúdo específico.

Traugott e Trousdale (2013) fazem menção a três fatores construcionais, tomados como escalares, são eles: *esquematicidade*, *produtividade* e *composicionalidade*. A esquematicidade se refere ao nível de generalização taxonômica de uma construção; quanto mais subpartes abertas (ou *slots*), mais alta a posição hierárquica de uma construção; de outra parte, quanto mais preenchida em suas subpartes, mais específica é uma construção. Assim, consideramos a construção  $[VLoc]_{MD}$  como altamente esquemática, uma vez que é formada por duas subpartes abertas; por outro lado, classificamos pares

- | Funcionalismo e mudança linguística em perspectiva construcional: a formação de marcadores discursivos em português

específicos do tipo [espera lá] e [olha aqui] como microconstruções. As instâncias de uso efetivo são nomeadas de *construtos*, tal como nas ocorrências em (1) e (2), na seção inicial.

A segunda propriedade construcional, a de produtividade, diz respeito à frequência com que um padrão construcional é instanciado no uso linguístico. Essa propriedade é dependente de variados fatores, notadamente os atinentes ao gênero discursivo, à sequência tipológica, à modalidade, ao tipo de registro, entre outros. Como destacado por Rosário e Oliveira (2016, p. 245), retomando Bybee, “a distinção entre frequência de tipo (*type frequency*) e frequência de ocorrência (*token frequency*) é recuperada e associada respectivamente à frequência de construção e frequência de construto.”

No que concerne à composicionalidade, terceiro fator elencado por Traugott e Trousdale (2013), corresponde ao grau de transparência entre forma e conteúdo da construção. Assim, quanto mais a soma das subpartes não corresponder ao conteúdo construcional, menos composicionalidade se detecta; quanto mais a soma das subpartes concorrer para o sentido construcional, mais composicionalidade se manifesta. Em termos gerais, construções lexicais tendem a exibir maior composicionalidade, enquanto as gramaticais são menos transparentes. No caso dos MD aqui pesquisados, trata-se de *types* menos composicionais, dado que tanto a subparte verbal quanto a pronominal locativa se encontram destituídas dos traços básicos de sua categoria de origem, em prol da formação de um todo semântico-sintático cumpridor de função pragmática, no monitoramento da interação.

Em termos da atuação de processos cognitivos envolvidos na convencionalização do esquema [VLoc]<sub>MD</sub>, nos apoiamos em Bybee (2010) e Diessel (2017). Da primeira autora, nos valem dos processos de *chunking*, categorização e analogização<sup>8</sup>; do segundo autor, destacamos o processo de cognição social.

Neste artigo, assumimos que tanto o esquema [VLoc]<sub>MD</sub> quanto as microconstruções que o integram, como [espera lá] e [olha aqui], são *chunks*, ou seja, constituem agrupamentos altamente vinculados em termos semântico-sintáticos. De acordo com Bybee (2010), o processo de *chunking* resulta da automação de determinadas formas de dizer na trajetória dos usos linguísticos, com a replicação de constituintes sob certa ordenação em contextos específicos, o que leva à regularização da gramática. O *chunking* concorre para a perda ou diminuição de composicionalidade construcional.

---

<sup>8</sup> Adotamos aqui o rótulo *analogização*, ao invés de *analogia*, como originalmente usado por Bybee (2010), dado que se trata de um processo, um contínuo.

Outro processo referido por Bybee (2010), que é relevante para nossa investigação, é a categorização, por intermédio da qual a comunidade linguística identifica e classifica, segundo propriedades similares, membros da mesma classe. Contrastivamente, a categorização também permite que os usuários distingam membros não pertencentes à mesma categoria, devido à ausência de traços considerados necessários para seu pertencimento. Em conformidade com os pressupostos funcionalistas que nos orientam, a categorização aqui é tomada como prototípica e não discreta, na assunção de que há membros mais centrais e outros mais periféricos em cada classe. Consideramos também que a categorização diz respeito à paradigmática, uma vez que, segundo Diewald e Smirnova (2012), a etapa posterior da mudança linguística consiste na *integração paradigmática*, com a entrada do novo constituinte em classe gramatical específica, ou seja, em outro paradigma.

O terceiro processo cognitivo que nos interessa é a analogização (BYBEE, 2010), pelo qual novas microconstruções são criadas via expansão *host-class*, com o preenchimento dos *slots* V e Loc por novos constituintes. Assim, a partir da convencionalização do esquema  $[VLoc]_{MD}$ , outros *types* específicos são produzidos e rotinizados no uso linguístico. A analogização, portanto, é um processo que concorre para a ampliação do paradigma dos MD, ampliando o *constructicon* do português com novas microconstruções, do tipo [olha lá], [escuta aqui], [espera aí], [sei lá], entre outras.

De acordo com Diessel (2017), o processo de cognição social se refere ao conjunto de práticas utilizadas pelos interlocutores no sentido de firmarem acordo sobre o compartilhamento de pontos de vista, crenças, propósitos comunicativos, entre outros, correspondente também à proposta de *inferência sugerida*<sup>9</sup>, nos termos de Traugott e Dasher (2002). Para Diessel (2017), a cognição social tem na *atenção conjunta* uma de suas estratégias básicas. Pela atenção conjunta, os envolvidos na interação fixam um ponto dêitico, um foco atencional, que pode ser um objeto ou evento na situação circundante ou mesmo um conceito evocado pelo discurso anterior.

Como nossos objetos de pesquisa têm como segunda subparte elemento pronominal locativo, é relevante observarmos como, nas mudanças construcionais envolvidas na construcionalização do esquema  $[VLoc]_{MD}$ , o foco atencional vai se tornando um ponto cada vez mais abstrato. Assumimos, nos termos de Tantucci (2018), que essa negociação atencional vai migrando de uma *intersubjetividade imediata* ou localizada, atinente aos contextos de uso originais ou iniciais de mudança, para uma *intersubjetividade estendida*,

9 Tradução do original *invited inference*, utilizado por Traugott e Dasher (2002) para o convite inferencial estabelecido nas interações, através do qual locutores sugerem a seus interlocutores a partilha de pressupostos, pontos de vista e opiniões.

- | Funcionalismo e mudança linguística em perspectiva construcional: a formação de marcadores discursivos em português

que recai não sobre um interlocutor específico, mas sobre uma terceira pessoa, mais genérica e abstrata, quando se efetiva a construcionalização, na etapa do contexto isolado.

## MD como paradigma gramatical

Conforme Kaltenböck e Heine (2014), a classe dos MD integra o nível gramatical *tético*<sup>10</sup>, isto é, aquele que contribui, em termos discursivos, para monitorar e articular a interação. De acordo com os autores, esse nível é complementar ao nível gramatical sentencial, que é responsável pela veiculação de conteúdos via frases, orações e períodos organizadamente estruturados. Os constituintes téticos constituem um conjunto complexo e híbrido, de natureza multifuncional, localizado na periferia dos enunciados. Assim, pertencem ao nível tético os MD aqui analisados bem como os parênteses, as perguntas retóricas, os vocativos e as posições, entre outros.

Na condição de membros téticos da gramática, os MD integram um paradigma específico, compondo, nos termos de Diewald (2020), uma hiperconstrução, ou seja, uma entidade virtual e superordenada que agrega pares distintos de forma e significado, partilhando determinadas propriedades funcionais e, de outra parte, em competição pelo uso. De acordo com Traugott (2021), esse paradigma ainda carece de investigação mais cuidada do ponto de vista da construcionalização e das mudanças construcionais envolvidas em sua convencionalização.

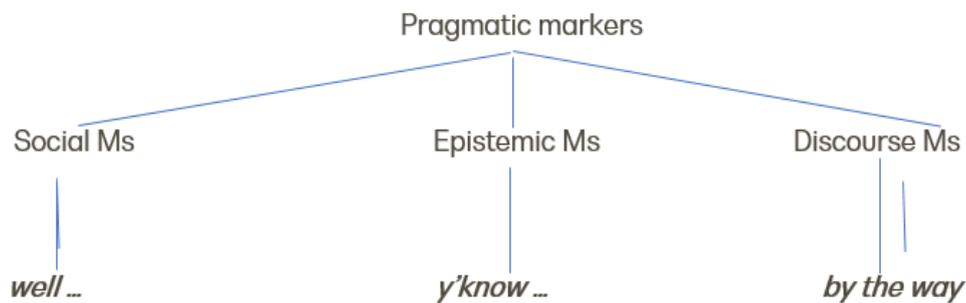
Em sua pesquisa sobre os MD do inglês, a autora propõe que os MD fazem parte do paradigma dos *marcadores pragmáticos*<sup>11</sup>, conforme apresenta na Figura 1:

---

10 Assumimos aqui a abordagem que considera a gramática do discurso distribuída em dois níveis: o sentencial e o tético. Nesse sentido, o termo *tético* é por nós usado em perspectiva funcional específica, distinta da verificada em outras vertentes teóricas dos estudos linguísticos.

11 De acordo com Traugott (2021), é necessário destacar e investigar a importância dos MD e seu desenvolvimento gradual em termos de seus contextos de uso e das inferências que licenciam, e não somente no que concerne a seus traços semânticos, a partir dos quais mais comumente têm sido pesquisados.

Figura 1. Taxonomia dos MD



Fonte: Traugott (2021, p. 4)

Observamos que os marcadores pragmáticos do inglês, como organizados na Figura 1, têm correspondência com os do português, distribuídos em subfunções do tipo social, epistêmica e discursiva. Assim especificados, esses constituintes compõem uma hiperconstrução (DIEWALD, 2020), um paradigma em torno de uma função maior e comum – a marcação pragmática. Esse paradigma agrega elementos de formato diverso, cumpridores de papéis mais específicos e distintivos entre si. Traugott (2021), em perspectiva histórica e construcionista, destaca que marcadores pragmáticos são um subconjunto de *marcadores de postura procedural*, cuja função está voltada para a gestão do discurso, no sentido de orientar mudanças de tópico e digressões, além de monitorar a relevância informacional do que é declarado, entre outras tarefas.

Dos três tipos de marcadores pragmáticos apresentados na Figura 1, a autora destaca o terceiro, correspondente ao que considera como efetivos marcadores discursivos (MD). Segundo Traugott (2021), esses MD se caracterizam por fornecerem dicas de contextualização e instruções de processamento sobre como interpretar relacionamentos entre declarações contextualmente expressas. É o que verificamos nas instâncias de uso do esquema [VLoc]<sub>MD</sub>, nos fragmentos (1) e (2), apresentados anteriormente, e como constatamos também a seguir:

- (3) [...] mas desde que esses meios de comunicação sejam po-li-ci-a-dos, policiados pelo governo e passem a divulgar coisas válidas, coisas boas, então é muito válido.- áh até onde todo policiamento não seria uma violência? - então você diria você então vai achar que que a liberdade absoluta é que é desejável? – não, pelo contrário, se eu tô me queixando de que, de que... - áh o excesso de liberdade no mundo tá provocando a difusão de tudo que não presta. - *perai* isso não é verdade, isso é besteira, isso é besteira. - não, não sei de nada. Me perguntando tudo é válido sim, não é válido nada, sobretudo a violência. (Linguagem Falada, Recife: 5, século XX).

- | Funcionalismo e mudança linguística em perspectiva construcional: a formação de marcadores discursivos em português

- (4) Houve, mas só de passagem. O que houve mesmo, de fato, foi a aprovação do primeiro turno da emenda da reeleição na Câmara. Dirão que depende do ponto de vista. *Vá lá*. Mas o que não é pura interpretação é a vontade com que o senador Antônio Carlos assumiu seu posto no Senado. Mostrou as primeiras garras, que agradou muito à esquerda sem desagradar ao poder [...] (Notícia, Br: *Primeiros movimentos*, século XX)

Em (3) e (4), os MD destacados atuam na orientação e no monitoramento discursivo. No fragmento (3), *perai* tem formato resultante do *chunk* envolvendo *espera* e *aí*, com erosão da primeira sílaba da primeira subparte, o que demonstra seu desgaste pelo uso e alto nível de convencionalidade; com esse MD, o locutor reforça seu argumento, no debate acerca dos limites da censura e da liberdade. Em (4), *vá lá* articula sentido concessivo, numa sequência em que o locutor comenta acerca da conduta não muito ética de um determinado político. Em ambos os fragmentos, tal como em (1) e (2), temos instâncias de microconstruções da  $[VLoc]_{MD}$ .

Na pesquisa dos MD do português contemporâneo do Brasil, Risso, Silva e Urbano (2002, p. 21) assim definem essa categoria:

Trata-se de um amplo grupo de elementos de constituição bastante diversificada, envolvendo, no plano verbal, sons não lexicalizados, palavras, locuções e sintagmas mais desenvolvidos, aos quais se pode atribuir homogeneamente a condição de uma categoria pragmática bem consolidada no funcionamento da linguagem. Por seu intermédio, a instância da enunciação marca presença forte no enunciado, ao mesmo tempo em que se manifestam importantes aspectos que definem sua relação com a construção textual-interativa.

Como podemos observar, a definição dos autores reforça o hibridismo e a complexidade categorial dos MD, destacando seu viés pragmático. Essas propriedades também são ratificadas por Teixeira (2015), em sua pesquisa histórica sobre a construcionalização do esquema  $[VLoc]_{MD}$ :

Marcadores discursivos, doravante MDs, são, basicamente, elementos linguísticos que atuam no plano procedural da gramática, ou seja, são constituintes não referenciais que fazem relações entre componentes/partes/ itens do discurso. Ao analisarmos contextos de interação, observamos que esses elementos facilitam o processamento do discurso [...] (TEIXEIRA, 2015, p. 45).

Diante da diversidade dos MD, o que torna dificultosa sua definição, optamos por considerar que esse paradigma, como Heine, Kaltenböck e Kuteva (2019), é formado por membros que partilham, ao menos, os seguintes traços: (a) invariabilidade estrutural; (b) independência sintática; (c) especificidade prosódica; d) relacionamento de um enunciado à situação do discurso, ao papel dos interlocutores ou aos seus propósitos comunicativos.

### O esquema [VLoc]<sub>MD</sub> no português: mudanças construcionais e construcionalização

Nossa análise se realiza segundo o cline contextual apresentado no Quadro 1. Assim, as mudanças pré e pós-construcionais envolvendo a construcionalização [VLoc]<sub>MD</sub> são abordadas em perspectiva histórica, levando em conta contextos originais<sup>12</sup> em que V e Loc atuam como constituintes verbal e pronominal locativo, respectivamente. A partir daí, observamos neónalises – mecanismos de metaforização e metonimização pré-construcionais, nos termos de Traugott e Trousdale (2013) – que culminam na construcionalização [VLoc]<sub>MD</sub>, bem como mudanças pós-construcionais, que expandem o paradigma dos MD do português.

Os dados aqui apresentados, levantados do *site* Corpus do Português, são extraídos de três teses defendidas sob o arcabouço teórico da LFCU no âmbito do Grupo de Estudos Discurso & Gramática – UFF<sup>13</sup>. Trata-se das pesquisas de: a) Teixeira (2015), em sua ampla investigação histórica sobre a construcionalização [VLoc]<sub>MD</sub> no português; b) Rosa (2019), acerca da convencionalização de um subesquema desse esquema maior, veiculador de sentido interruptivo, como nos *types* [espera aí] e [aguenta lá]; c) Sambrana (2021), dedicada ao estudo do subesquema em que V é preenchido pelas bases olhar e ver, especificado em microconstruções como [olha aqui] e [veja lá].

Como Teixeira (2015) atesta o MD [vem cá] como o primeiro a ser construcionalizado no português conforme a codificação [VLoc] ainda no século XVI, tomamos os contextos de mudança que conduzem à convencionalização desse MD para ilustrar os micropassos que forjam esse esquema maior, acompanhados de dados envolvidos na formação de outros *types* do esquema [VLoc]<sub>MD</sub>:

<sup>12</sup> Trata-se de contextos que atuam como fonte, ou seja, como ponto de partida para o desencadeamento de polissemias que podem conduzir à mudança linguística mais efetiva.

<sup>13</sup> Informações sobre o grupo no *site*: <http://deg.uff.br/>.

- | Funcionalismo e mudança linguística em perspectiva construcional: a formação de marcadores discursivos em português

## 1. Contextos atípicos

De acordo com Diewald e Smirnova (2012) e Rosa (2019), a atipicidade contextual ocorre quando implicaturas motivam inferências e polissemias. Na LFCU, essas ambiguidades ao nível do conteúdo são tomadas como mudanças pré-construcionais, dado que impactam somente o segundo eixo do pareamento [[Forma] <---> [Conteúdo]].

Na construcionalização [VLoc]<sub>MDr</sub>, os contextos atípicos são aqueles em que V ou Loc ainda preservam traços básicos da categoria verbal e pronominal locativa, respectivamente, organizados em arranjos de maior composicionalidade. Estamos nos referindo a dados como:

- (5) Felício Mais que a vida e o porquê porque minha alma outrossi mata a si e mata a mi tam profunda é minha fé. Eco É. Felício É polo merecimento daquela por quem me fino sentes tu que nam sam dino desta pena que consento. Eco Sento. Felício Sento-me estar nam sei onde vejo-me só acabar por isso quero ir buscar esta voz que me responde. Eco Onde? Felício Onde está minha alegria que sempre foge de mi *vem cá* nam faças assi que em ver-te descansaria. Eco Iria. Felício Iria lá mas foges mais ó tristes saudades minhas nestas montanhas maninhas que descanso é o que me dais? Eco Ais. Felício Ais leixai partir a vida e partir-vos-eis daqui tal estou triste de mi que nam sei se é já partida. (*Obra completa* (N-Z), Gil Vicente, século XVI)

Em (5), num predicado complexo, *vem cá* atua como súplica de Felício para que a personagem *alegria* venha até ele e, assim, possa descansar. O sujeito *alegria* reúne traços não-prototípicos ou atípicos, uma vez que é inanimado, não volitivo ou agente e se encontra distante do verbo a que se refere. Em termos estruturais, o constructo *vem cá* se coordena à oração *nam faças assi* e à oração explicativa *que em ver-te descansaria*. Em termos polissêmicos, observamos inferência de deslocamento não espacial, uma vez que o sujeito inanimado não se move fisicamente. O deslocamento ocorre no âmbito da intenção do falante, através do desejo, da súplica a seu interlocutor, a *alegria*, para que venha até ele. Assim, em (5), *vem cá* licencia leitura distinta da prototípica. A própria situação de comunicação define o uso atípico, sugerindo inferência inovadora, uma vez que o interlocutor é o Eco, a quem Felício toma como testemunha da sua tristeza. A sequência injuntiva centrada na súplica/pedido coloca o falante em posição inferior ao interlocutor, demonstrando a assimetria entre ele e a *alegria*, num tipo de intersubjetividade imediata, nos termos de Tantucci (2018).

No século XVII, Rosa (2019) levanta o seguinte fragmento atípico em torno do verbo *esperar* e do locativo *lá*:

- (6) Tange outra vez, a campainha mais perto. /G: To may lá! que ferá ifto? | já não tenho peis nem mãos | efcutay. /Digaõ dentro em voz muito fentida. /Voz: Fieis Christaõs | ámigos de Iefu Christo. /G: Axopra! que vem jurando! | em Christaõs lhe ouui fallar. | jurará de os acabar, | por mim virá começando | / (Dentro). Voz: Lembraiuos das Almas que eftaõ no fogo. /G: O que joga! | elle falla em Alma, e fogo | fem falta demonio he / (Dentro). Voz: Do Purgatorio, e as que /eftaõ | empecado mortal. /G: Ora | *esperay là* ifto agora | elle vem co amaldicão | /Purgatorio le entendi | fe dirâ que vem de lá! | mas eyllo que chega já | que farey triste demi? /Saye hum Vulto negro demodo dos que cultumaõ en comendar as Almas, tocando, a campainha. /(*O fidalgo aprendiz*, de Francisco Manuel de Melo, século XVII).

De acordo com Rosa (2019), em (6), o segundo constituinte da expressão *esperay là* não tem referenciação espacial e se encontra mais abstratizado, o que concorre para que se torne mais vinculado ao primeiro constituinte, diminuindo a composicionalidade da referida expressão. Nesse fragmento, o pedido para que os interlocutores aguardem algo que está por vir não indica que a espera deve ocorrer em local distante do ato enunciativo. Trata-se, portanto, de uma declaração injuntiva e exortativa, em maior nível de intersubjetividade.

## 2. Contextos críticos

Conforme observamos no Quadro 1, a criticidade contextual corresponde ao segundo micropasso rumo à construcionalização gramatical, marcado pelo incremento de neonálises, tanto ao nível do conteúdo (metaforização) quanto ao nível da forma (metonimização). Contextos críticos se revelam como altamente ambíguos e constituem um tipo de mudança pré-construcional, nos termos de Rosa (2019) e de Traugott (2022), como apresentamos nos dois fragmentos a seguir:

- (7) SAR. -- húa pouca de nevoa e vento. PET. -- Dai se levantam as vezes grandes torvoadas; mas que entendeste dela? SAR. -- Muitos sisos e muitas virtudes. PET. -- De quem, Sargenta? SAR. - De Lucrecia. PET. -- Assi faze, nomea-ma muitas vezes. SAR. -- Nunca se tal graça viu, nem tal siso. PET. -- Tal assento, nem tal fermosura. SAR. -- O que todo mundo ve para que é dizer-te mais? PET. -- *Ora vem ca*, Sargenta, que te quero agora perguntar por um ponto, cousa em que te nunca falei Ouviste algûa hora falar num mancebo espanhol,

- | Funcionalismo e mudança linguística em perspectiva construcional: a formação de marcadores discursivos em português

que segundo dizem, anda aqui perdido de amores por ela SAR. -- Qual? Um capa em colo, que a primeira parecia algũa cousa, ja agora não tera que despender e parece que caiu da forca? PET. -- Ah! Ah! Ah! Como o pintaste tam bem! SAR. -- Cousa é isso para te somente lembrar? (*Estrangeiros*, Sá de Miranda, século XVI)

- (8) Há aí alguma coisa que se coma? - Não há nada feito; mas eu vou fazer chá, Sr. Barbuda, e o que V. Ex.a quiser. - Olhe se me pode frigir uns ovos com presunto - volveu ele. - Pois lá vão ter daqui a pouco. - *Veja lá que se não constipe*, Sr.a D. Tomásia - recomendou ele. - Não tem dúvida. Olhe que eu tenho muito que lhe dizer. Achou um bilhete de visita na escrivaninha? - perguntou D. Tomásia pelo buraco da fechadura. - Não achei. - Pois lá está. (*A queda dum anjo*, Camilo C. Branco, século XIX)

Nos fragmentos (7) e (8), a ambiguidade semântico-sintática envolvida na instanciação de V e de Loc acarreta o efeito de opacidade múltipla desses constituintes, concorrendo para sua menor composicionalidade, maior abstração e intersubjetividade. Em (7), Teixeira (2015) assume que o contexto discursivo permite implicaturas inovadoras, uma vez que não há movimento espacial efetivamente articulado por *vem ca*. Os personagens não estão se deslocando no espaço, ao contrário, a cena é estática, assim, *vem ca* não se constitui numa chamamento para algum lugar. Conforme a autora, observamos que *vem ca* tem pouca vinculação sintática na sequência em que se insere, se entendermos que: i) *Sargenta* atua como efetivo vocativo e ii) a interjeição *ora* reforça o sentido de chamamento, intensificando e marcando pausa enfática, que corrobora a marca injuntivo-pragmática da sequência. Na análise do fragmento (8), Sambrana (2021, p. 112) destaca que “o complemento oracional *que se não constipe* não consiste em objeto direto prototípico”, uma vez que “*veja* não requisita argumento nem para sujeito e nem para complemento”. Assim orientada, a autora constata que *que se não constipe* constitui uma expressão avaliativa do falante e *veja lá*, em arranjo menos composicional e mais intersubjetivo, atua já no nível gramatical tético.

### 3. Contextos isolados

Conforme Diewald e Smirnova (2012) e Rosa (2019), o contexto isolado corresponde à etapa em que se convencionaliza um novo pareamento [[Forma] <---> [Conteúdo]] no *constructicon*. Consequente de uma série de mudanças pré-construcionais, o contexto isolado distingue-se categoricamente do arranjo a partir do qual se origina, que, via de regra, continua a ser usado pela comunidade linguística, motivando o efeito de gradiência sincrônica, como assumida por Bybee (2010).

Nessa etapa, constatamos em nossos objetos de pesquisa perda sensível de composicionalidade entre as subpartes envolvidas (V e Loc), em prol da criação de um novo *chunk*, veiculador de conteúdo específico como marcador discursivo. Observamos também que a intersubjetividade se estende, conforme Tantucci (2018), uma vez que o foco do conteúdo veiculado, de natureza procedural, recai não mais num interlocutor específico, mas sim numa terceira pessoa genérica.

Na pesquisa da construcionalização [VLoc]<sub>MD</sub>, Teixeira (2015) levanta o seguinte contexto, que apresenta a instanciação inaugural de [vem cá] como MD nos dados até agora pesquisados por nossa equipe:

- (9) CENA VI - AMENTE. CALÍDIO - AM. – Tu vês a que termo eu sou chegado, segundo as novas que tu dũa parte e Devorante doutra me dais? Cuidei que tinha de ti algũa necessidade; mas pois as cousas assi vão, té a vida me sobeja: procura pola tua. CAL. -- VOS outros, mimosos, logo quereis morrer. AM. -- Não se ajuntaram embalde tantos males Q um tempo. CAL. -- Tam pouca confiança tens em Lucrecia? AM. -- Ah, Calidio! CAL. -- Que ah Calidio? AM. -- Que esperança tam fraca! CAL. -- Queres dizer como de foão. AM. -- E de foão e de foão. CAL. -- Naquilo tem razão, e mais nesta terra, em que o poerão mui asinha em cantar seciliano, como dizem. *Vem ca*, Amente, seras homem pera me ajudares a um feito? AM. -- Em tal desesperação, que posso eu arreçar? CAL. -- Ora bem ves que esta vinda de teu pai embaraça tudo, pelo qual aqui cumpre de acudir, se queres remedio. (*Estrangeiros*, Sá de Miranda, século XVI)

Em (9), a microconstrução [vem cá] é instanciada numa sequência injuntiva, em discurso direto, veiculando conteúdo de intimidade e de impositividade. As duas subpartes se destituem de traços prototípicos de sua categoria original (verbo e pronome locativo), apresentando-se altamente vinculadas em termos semântico-sintáticos. Observam-se nesse uso os traços definidores da classe dos MD, que excluem leituras para além dessa categorização. Detectamos na instanciação de [vem cá]<sub>MD</sub>, conforme Heine, Kaltenböck e Kuteva (2019): a) pausa marcada por pontuação; b) formação de um só grupo de força fonológico; c) isolamento do marcador na estrutura sintática; d) anulação do argumento sujeito; d) conteúdo voltado para a marcação do discurso.

Assumimos que instâncias de uso [vem cá]<sub>MD</sub>, tal como a ilustrada em (9), concorrem para a formação do esquema geral [VLoc]<sub>MD</sub>, em movimento *bottom-up*. A partir da construcionalização de um *type* específico, por intermédio de frequência de uso, de uma série de pressões analógicas e da atuação de propriedades contextuais distintas,

- | Funcionalismo e mudança linguística em perspectiva construcional: a formação de marcadores discursivos em português

se convencionaliza o esquema [VLoc]<sub>MD</sub>, alocado hierarquicamente em nível mais alto e virtual do *constructicon*. Rosa (2019) e Sambrana (2021) atestam empiricamente esse movimento, na formação de subesquemas de [VLoc]<sub>MD</sub>. A primeira autora destaca o seguinte fragmento em seus dados:

- (10) - porque aí tinha um relacionamento natural - mas quando ela chega pra eles é pra dizer que: êh: minha casa não é boa: que não presta que eu não faço as coisas direito pra eles e não sei o quê cheia de defeito - vige Maria - a barra é pesada viu? - é uma guerra muito séria - pro meus meninos é - problema ((voz baixa)) () Doc. - como vocês vêem o problema da velhice? - áh: *espera aí* - bem: éh: áh: eu não sei eu eu não sei bem não porque - o: tipo de velho que eu tô acostumada a conviver é o velho muito dinâmico minha mae por exemplo anda de ônibus sozinha tem setente e um anos e: bota / enquanto / outro dia ela foi para uma festa de casamento - áh: éh: comigo - enquanto eu tava toda: à vontade ainda estudando sem / em cima da hora ela tava fazendo bob se ajeitando [...]. (Língua falada, Recife, século XX)

Em (10), de acordo com Rosa (2019, p. 125), *espera aí* marca o refreamento do fluxo discursivo, com o objetivo de elaborar resposta ou comentário sobre a pergunta “como vocês vêem o problema da velhice?”. A autora destaca ainda que, junto à instanciação de [espera aí], “as interjeições áh, éh e as frases ‘eu não sei’, ‘eu não sei bem não’ são pistas que apontam para a atividade do pensamento, numa tentativa de elaboração opinativa acerca do tema proposto”.

No levantamento histórico e na análise empírica do *cline* contextual que leva à construcionalização da [VLoc]<sub>MD</sub> a partir da base *esperar*, Rosa chega aos seguintes índices de produtividade:

**Tabela 1.** Produtividade de *espera Loc/Afix* nos contextos de mudança

Contextos	Fonte			Atípico		Crítico		Isolado		Subtotal			Total	
	XVIII	XIX	XX	XIX	XX	XIX	XX	XIX	XX	XVIII	XIX	XX		
<i>espera aí</i>	-	10	07	-	05	-	-	-	18	-	10	30	40	56
<i>pera aí</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	02	-	-	02	02	
<i>peraí</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	14	-	-	14	14	
<i>espera aqui</i>	02	04	01	-	-	-	-	-	-	02	04	01	07	
<i>espera lá</i>	-	-	-	04	05	01	-	03	04	-	08	09	17	
Subtotal	02	14	08	04	10	01	-	03	38	02	22	56		
Total	24			14		01		41					80	

Fonte: Rosa (2019, p. 105)

A Tabela 1 nos indica que os seis *types* pesquisados por Rosa (2019), distribuídos por [espera aí], [pera aí], [peraí], [espera aqui] e [espera lá], se efetivam em 80 *tokens*. Esses dados de uso são distribuídos conforme a seguinte frequência: 24 dados em contexto fonte, 14 em contexto atípico, 1 em contexto crítico e 41 em contexto isolado. *Espera aí* é detectado no português a partir do século XVIII, mas somente é instanciado como [VLoc]<sub>MD</sub> no século XIX, atestado em três contextos; no século XX a produtividade do MD é incrementada, com ocorrência em 38 contextos. Se levarmos em conta os 80 dados gerais, podemos constatar que a metade deles são instâncias da [VLoc]<sub>MD</sub>, o que indicia a maior produtividade desse contexto de uso face aos demais pesquisados.

Considerando-se que, como demonstra Teixeira (2015), o primeiro exemplar desse esquema é a microconstrução [vem cá], atestada na língua no século XVI, então podemos assumir que a analogização bem como propriedades contextuais como as ilustradas no fragmento (10) são responsáveis pela expansão *host-class* desse esquema. Assim, a primeira subparte (o *slot V*) passa a ser preenchida por verbo estativo, em movimento *top-down*.

O incremento da produtividade do esquema [VLoc]<sub>MD</sub> via expansão *host-class* nos séculos XIX e XX também é flagrado por Sambrana (2021), em sua pesquisa acerca da construcionalização de MD a partir das bases verbais *olhar* e *ver* na trajetória do português. A autora levanta contextos como o seguinte:

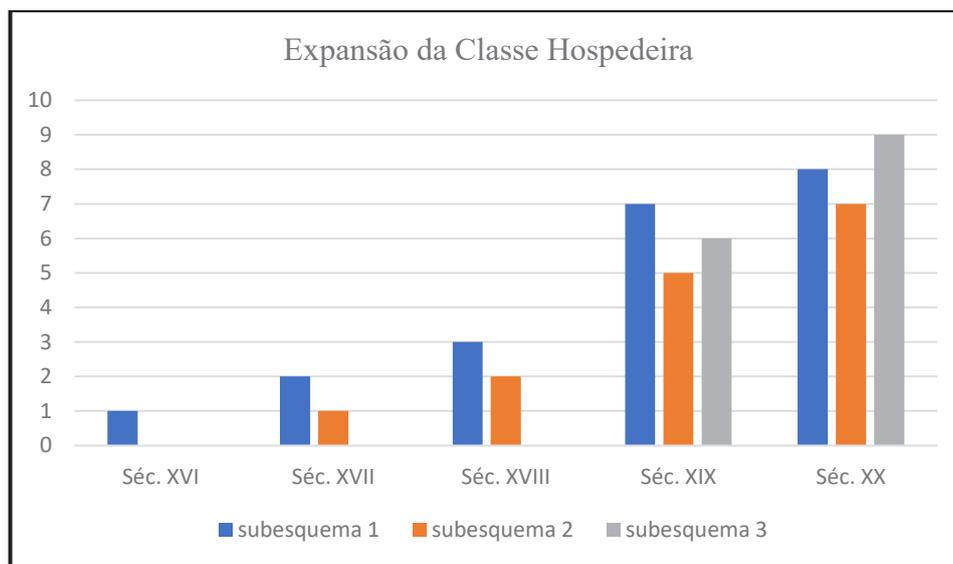
- (11) Francelina - Ele! Frederico! Como não me ama, se me pediu em casamento?  
 Leonor - Foi uma leviandade... Também me pediu a mim... E ontem...  
 Francelina - A mim já me havia pedido há muito mais tempo! Tenho o direito de antiguidade. Leonor - Os últimos são os primeiros. Demais, eu não quero saber se a senhora é mais antiga do que eu... Francelina - Mais antiga, não! *Olhe lá*, hein! Leonor - O que sei é que ainda agora mesmo, nesse lugar em que a senhora está, acabou ele de confessar que me ama. (*Os noivos*, Arthur Azevedo, século XIX)

Como destaca a autora (SAMBRANA, 2021, p. 123), “a instanciamento do MD [olhe lá] apoia a repreensão dada na sequência anterior”. O preenchimento de *lá* na segunda subparte sugere que o sentido de distanciamento se relaciona à desaprovação do falante, o que comprova, para Sambrana (2021), a articulação de um “espaço idealizado virtualmente” nesse tipo de instanciamento, em alto nível de abstração e intersubjetividade estendida, nos termos de Tantucci (2018). De acordo com o levantamento empírico da autora, somente no século XX são detectados os MD [olhe aqui] e [olhe aí], com a continuidade da expansão *host-class* do esquema [VLoc]<sub>MD</sub>.

- | Funcionalismo e mudança linguística em perspectiva construcional: a formação de marcadores discursivos em português

Apresentamos a seguir o Gráfico 1, adaptado a partir de Sambrana (2021), que demonstra a produtividade dos MD formados pelas bases *olhar* e *ver* na trajetória do português. A autora levanta três grupos distintos: Subesquema 1, integrado somente pela base verbal (como [*olhe*] e [*veja*]); Subesquema 2, constituído pelas subpartes V e Loc (como em [*olhe aqui*] e [*veja lá*]), o que mais nos interessa neste artigo, já que constitui nosso objeto de pesquisa; o Subesquema 3, formado pelas subpartes V e Foc (como em [*olha só*] e [*veja bem*]):

**Gráfico 1.** Expansão diacrônica dos elementos da classe da  $[V(X)]_{MD}$



**Legenda:** Subesquema 1:  $[V]_{MD}$ ; Subesquema 2:  $[VLoc]_{MD}$ ; Subesquema 3:  $[VFoc]_{MD}$

**Fonte:** Adaptado de Sambrana (2021, p. 154)

O Gráfico 1 nos indica que as bases *olhar* e *ver* (Subesquema 1) já funcionam como MD desde o século XVI. A partir do século XVII, são captadas, ainda com baixa produtividade, instâncias do esquema  $[VLoc]_{MD}$ , que são incrementadas nos séculos subsequentes, chegando a frequências maiores nos séculos XIX e XX, em resultado que vai ao encontro de Rosa (2019). Nesses dois séculos finais da pesquisa de Sambrana (2021), a segunda subparte Loc também é expandida via preenchimento de constituintes focalizadores, como *só* e *bem*, o que ratifica a produtividade *type* desse esquema construcional e sua expansão.

#### 4. Paradigmatização

Uma vez havendo a construcionalização, mudanças pós-construcionais continuam a ocorrer, como destacado no Quadro 1. Uma delas é a integração paradigmática, nos

termos de Diewald e Smirnova (2012), que preconiza a inserção da nova microconstrução em classe categorial da língua. Como membro paradigmático, a microconstrução partilha o conteúdo geral do paradigma; em nosso caso específico, os traços básicos dos MD, como assumidos por Heine, Kaltenböck e Kuteva (2019). De outra parte, na condição de constituintes específicos do paradigma, essas microconstruções articulam sentidos particulares, que justificam sua presença no *constructicon*, passando a constituir *types* à disposição para serem instanciados no uso.

Nossas pesquisas têm demonstrado, como exposto, por exemplo, em Oliveira e Fonseca (2020) e Oliveira e Sambrana (2018), que tal inserção é feita pelas margens categoriais, conforme a concepção prototípica que orienta a LFCU. Assim, ao ingressar no paradigma, a nova microconstrução pode não apresentar alguns dos traços caracterizadores da nova classe, tendo, portanto, menor visibilidade de seu recente estatuto gramatical. Via frequência de uso, notadamente em contextos específicos, tal inserção vai sendo consolidada e o novo pareamento identificado pela comunidade linguística como pertencente ao paradigma.

No Quadro 2, apresentamos nossa proposta de detalhamento do paradigma dos MD formados pelo esquema [VLoc]:

**Quadro 2.** Recorte representativo do paradigma dos MD formados por VLoc

Rótulo da categoria:	Marcadores discursivos		
Características formais:	Verbos seguidos de afixoides <sup>14</sup> de origem locativa em vinculação sintática		
Função:	Articulação textual-interativa		
Exemplos de distinções discursivo-funcionais:	Concessão	Exortação	Repreensão opinativa
Exemplos de membros:	vá lá	vamos lá	escuta aqui, olha aí, vê lá

**Fonte:** Oliveira e Rosa (2022, p. 79-80)

No Quadro 2, constatamos que o paradigma dos MD inclui o grupo formado por V e Loc, na formação de um *chunk* (BYBEE, 2010) codificado como [VLoc]. Esse grupo veicula conteúdo geral voltado para a articulação textual-interativa, que se especifica via microconstruções como as de concessão [vá lá], as de exortação [vamos lá] e as de repreensão opinativa [escuta aqui], [olha aí] e [vê lá], entre outras.

<sup>14</sup> Afixoide é um constituinte semelhante a um afixo, partilhando propriedades dessa classe, de acordo com a Morfologia Construcional. Na LFCU, afixoides são tomados como subpartes periféricas de construção, com baixa composicionalidade, consequentes de micropassos de mudança linguística.

- | Funcionalismo e mudança linguística em perspectiva construcional: a formação de marcadores discursivos em português

Em proposta mais recente acerca do tratamento do paradigma na perspectiva construcional, Diewald (2020) preconiza que, neste arcabouço teórico, a concepção paradigmática deve ser considerada e reajustada. Assim, para a autora, o paradigma deve ser assumido como uma hiperconstrução, ou seja, como uma entidade virtual e superordenada que pode agregar pares distintos de forma e significado, partilhando determinadas propriedades funcionais e em competição pelo uso. Nesse sentido,  $[VLoc]_{MD}$  é tratado como um esquema virtual integrante da hiperconstrução MD, que é constituída por outros elementos de natureza formal distinta, como [bem], [né?], [entendeu?], [poxa], entre outros.

A proposição de Diewald (2020) destaca a importância da incorporação do paradigma à abordagem construcional. Conforme a autora, conceber o paradigma como hiperconstrução é relevante, dado que se trata: a) de uma importante generalização sobre categorias da gramática; b) de uma forma organizacional do conhecimento dos usuários, que identificam traços funcionais de construções específicas a partir de sua inserção paradigmática; c) de força motivadora de mudança gramatical diacrônica, notadamente via analogização.

## Considerações finais

Ao longo deste artigo, demonstramos como, na trajetória do português, pressões de natureza contextual motivam neónalises, que, na condição de mudanças pré-construcionais, conduzem à construcionalização do esquema  $[VLoc]_{MD}$ . Observamos que a opacidade múltipla, derivada de mecanismos de metaforização e de metonimização, favorece a convencionalização do referido esquema via microconstruções específicas. Em etapa subsequente, através de mudanças pós-construcionais, o esquema maior se fixa, fornecendo a base analógica para a formação de outros MD de mesma estrutura, enquanto as microconstruções, como *types* específicos, se inserem no paradigma dos MD, ampliando o *constructicon*.

Essas mudanças são acompanhadas de crescente intersubjetivização, em que o interlocutor, inicialmente identificado e situado, se expande conceitualmente, passando a se referir a uma terceira e genérica pessoa, nos termos de Tantucci (2018). Tal movimento rumo à intersubjetividade expandida corresponde à proposta de inferência sugerida (TRAUGOTT; DASHER, 2002), no destaque para a negociação de sentidos mais abstratos, como pontos de vista, crenças e opiniões praticadas pelos interlocutores.

Os resultados que aqui apresentamos, fundamentados na perspectiva da LFCU, demonstram a complexidade da mudança linguística em abordagem construcional, que se revela sensível a fatores de ordem estrutural, cognitiva e pragmático-discursiva.

## Agradecimentos

Este artigo é produto de dois projetos em desenvolvimento: um pelo CNPq, via bolsa de produtividade em pesquisa, e outro pela FAPERJ, via bolsa Cientista do Nosso Estado. Agradecemos também à Capes e aos membros do Grupo de Estudos Discurso & Gramática – UFF, por sua contribuição em discussões acadêmicas.

## Referências

BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. New York: Cambridge University Press, 2010.

CROFT, W. **Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CUNHA LACERDA, P. F. A. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, vol. esp., p. 83-101, 2016. Disponível em <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/download/5440/4032>. Acesso em: 20 fev. 2022.

DIESEL, H. Usage-based linguistics. *In*: ARONOFF, M. (ed.). **Oxford Research Encyclopedia of Linguistics**. New York: Oxford University Press, 2017. p. 1-26.

DIEWALD, G. Paradigms lost–paradigms regained: Paradigms as hyper-constructions. *In*: SOMMERER, L.; SMIRNOVA, E. (ed.). **Nodes and networks in diachronic construction grammar**. Amsterdam: Benjamins (CAL 27), 2020. p. 277-315.

DIEWALD, G.; SMIRNOVA, E. “Paradigmatic integration”: the fourth stage in an expanded grammaticalization scenario. *In*: DAVIDSE, K. *et al* (ed.). **Grammaticalization and language change – new reflections**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2012. p. 111-131.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. *In*: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (org.). **Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad/FAPERJ, 2013. p. 13-40.

GIVÓN, T. **On understanding grammar**. New York: Academic Press, 1979.

- | Funcionalismo e mudança linguística em perspectiva construcional: a formação de marcadores discursivos em português

GOLDBERG, A. **Constructions at work**: the nature of generalization in language. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, A. **Constructions**: a construction grammar approach to argument structure. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. **Grammaticalization**: a conceptual framework. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HEINE, B.; KALTENBÖCK, G.; KUTEVA, T. **On the rise of discourse markers**. Researchgate. Preprint, jun. 2019. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/333783353>. Acesso em: 27 jun. 2019.

HILPERT, M. **Construction grammar and its application to English**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

HIMMELMANN, N. P. Lexicalization and grammaticalization: opposite or orthogonal? *In*: BISANG, W.; HIMMELMANN, N. P.; WIEMER, B. (ed.). **What makes grammaticalization?** A look from its fringes and its components. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004, p. 21-42.

KALTENBÖCK, G.; HEINE, B. Sentence grammar vs. Thetical grammar: Two competing domains? *In*: MACWHINNE, B.; MALCHUKOV, A.; MORAVCSIK, E. (ed.). **Competing motivations in grammar and usage**. Oxford: Oxford University Press, 2014. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/299883341>. Acesso em: 6 jun. 2021.

MARTELOTTA, M. E. **Mudança linguística**: uma abordagem baseada no uso. São Paulo: Cortez, 2011.

OLIVEIRA, M. R.; FONSECA, M. B. R. Níveis de vinculação semântico-sintática de “chega aí” no português do Brasil: uma análise centrada em contextos de uso. **(Con)Textos linguísticos**, Vitória, v. 14, n. 28, p. 56-76, 2020. Disponível em <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/download/31213/21666>. Acesso em: 10 mar. 2022.

OLIVEIRA, M. R.; ROSA, F. S. L. Contextos para construcionalização: micropassos e paradigmaticização. **Odisseia**, Natal, v. 7, número especial, p. 66-86, 2022.

OLIVEIRA, M. R.; SAMBRANA, V. R. M. Marcadores discursivos de base perceptivo-visual: uma abordagem construcional. **Confluência**, Rio de Janeiro, n. 55, p. 327-349, 2018.

Disponível em: <https://revistaconfluencia.org.br/rc/article/view/252/171>. Acesso em: 10 mar. 2021.

RISSO, M. S.; SILVA, G. M. O.; URBANO, H. Marcadores discursivos: traços definidores. *In*: KOCH, I. V. (org.). **Gramática do português falado**. 2. ed. São Paulo: Unicamp, 2002. vol. VI, p. 21-57.

ROSA, F. S. L. **A mesoconstrução marcadora discursiva refreador-argumentativa**: uma análise cognitivo-funcional. 2019. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Linguística funcional: *quo vadis?* *In*: BISPO, E. B.; SILVA, J. R.; SOUZA, M. M. (org.). **Pesquisas funcionalistas**: da versão clássica à perspectiva centrada no uso – uma homenagem à Maria Angélica Furtado da Cunha. Natal: EdUFRN, 2021. p. 384-429.

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. **Alfa**, São Paulo, n. 60, v. 2, p. 233-259, 2016. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/8007>. Acesso em: 15 jan. 2022.

SAMBRANA, V. R. M. **Construcionalização de marcadores discursivos formados por “olhar” e “ver” no português**. 2021. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021.

TEIXEIRA, A. C. M. **A construção verbal marcadora discursiva VLoc<sub>MD</sub>**: uma análise funcional centrada no uso. 2015. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

TRAUGOTT, E. **Ten lectures on a diachronic constructionalist approach to discourse structuring markers**. Leiden/Boston: BRILL, 2022.

TRAUGOTT, E. A constructional perspective on the rise of metatextual discourse markers. **Cadernos de Linguística**, Abralin, v. 2, n. 1, p. 1-25, 2021. Disponível em: <https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/269>. Acesso em: 8 fev. 2022.

- | Funcionalismo e mudança linguística em perspectiva construcional: a formação de marcadores discursivos em português

TRAUGOTT, E.; DASHER, R. **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (ed.). **Approaches to grammaticalization**. Amsterdam: John Benjamins, 1991. vol. 1.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TANTUCCI, V. From co-actionality to extended intersubjectivity: drawing on language change and ontogenetic development. **Applied Linguistics**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2018. p. 1-31.

---

COMO CITAR ESTE ARTIGO: OLIVEIRA, Mariangela Rios de. Funcionalismo e mudança linguística em perspectiva construcional: a formação de marcadores discursivos em português. **Revista do GEL**, v. 19, n. 3, p. 110-135, 2022. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg>

Submetido em: 11/07/2022 | Aceito em: 12/12/2022.

---